

ENTREVISTA COM GREGORIO KLIMOVSKY E RENATO MEZAN*

Entrevistador: Freud reconheceu, em 1919, a possível necessidade de conciliar o "ouro puro da psicanálise" com o "cobre da sugestão". Atualmente, há diferentes técnicas psicoterápicas derivadas da psicanálise: técnicas individuais, de grupos, familiares, comportamentais etc. que podem apresentar resultados terapêuticos satisfatórios. Com isso, o "ouro puro analítico", pelo longo dispêndio de tempo e alto custo financeiro, não estaria, na sociedade atual, ameaçado por estas psicoterapias?

Prof. Mezan: O que Freud inventou, além da psicanálise, é o que se chama hoje de psicologia clínica. Inventou a situação clínica, a situação terapêutica, na qual uma pessoa fala e outra escuta e comenta. Todas as linhas psicológicas que trabalham com terapias, de uma forma ou de outra, se originaram da psicanálise, criticando, recusando, tentando modificar um ou outro aspecto da psicanálise clássica. Quando Freud falava sobre a sugestão e o "ouro puro", ele estava pensando num problema social que era o problema da popularização do tratamento psicológico, que era uma novidade em 1919, e que tinha se tornado premente por causa da guerra e das neuroses de guerra, os traumas etc., conseqüentes à Primeira Guerra Mundial, que foi de uma selvageria até então sem precedentes. Se estas terapias, em diferentes formas de abordagem, são praticadas ao meu ver com seriedade, elas podem trazer bons resultados com aplicações específicas feitas por psicanalistas ou por não psicanalistas. Há muitos analistas que trabalham em consultórios, individualmente, no sistema clássico e também trabalham num hospital, numa instituição, atendem casais, crianças diferentes tipos de modificações do setting clássico procurando se adaptar a demandas que não são sempre necessariamente de um tratamento prolongado. Terapias focais, breves, específicas e assim por diante. Quanto à ameaça, eu sou otimista.

é verdade que o número crescente de terapeutas pode ter um efeito de diminuição da procura por psicanálise da velha estirpe, mas também é verdade que precisaria haver um número incalculavelmente maior de psicanalistas para poder atender toda esta demanda social. A meu ver, há espaço para todos sob o céu de Alá e não vejo que isto represente uma ameaça a longo prazo, porque muitas vezes o que ocorre é que uma pessoa, uma família etc., procura um tratamento emergencial e eventualmente, num segundo momento, uma vez resolvido o dilema mais imediato, outras pessoas parte deste mesmo grupo, ou a mesma pessoa podem procurar um analista para um trabalho de outro tipo. Não vejo uma ameaça neste sentido.

Prof. Klimovsky: Na realidade, de um ponto de vista científico imparcial, as teorias científicas são sempre modelos provisórios para entender algo da realidade. Ninguém disse que são eternos, incorrigíveis e que não possam ser completados. Um cientista diria que todas as terapias, toda a estratégia que mostre tão bons resultados, têm que ser levadas em conta e a psicanálise tem que admitir, como Freud mesmo já indicava, que pode haver novidades e que pode haver mudanças na história. De maneira que o futuro da psicanálise como terapia onde se situa a discussão está vinculado a problemas interdisciplinares, problemas de competência e problemas de prova observacional é experimental clínica que irão informando, com essa atitude, o que ocorre.

Minha idéia, contudo, respondendo mais exatamente à pergunta, é que as teorias, às vezes um tanto superficiais e imediatas que são o atrativo de certas terapias breves, me fazem recordar o que na ciência geral seria, por exemplo, uma comparação entre uma forma artesanal de obter uma nova cor, a partir da combinação de cores, e a teoria atômica molecular com o uso da ótica sendo utilizada para criar uma grande fábrica de química, onde se possa conhecer a propriedade de tudo o que se fabrique, inclusive que seja duradouro, que seja útil, que possa servir em situações de calor etc. Assim como em química ninguém pode, hoje em dia, fazer tecnologia prática sequer construir um prédio prevendo muitas coisas no caso da psicanálise, me parece que por ser uma teoria com modelos profundos sobre a personalidade humana, pode prever, pode predizer e pode agir em uma grande quantidade de casos diferentes, passando às vezes por cima do fato superficial de que momentaneamente possa haver uma suposta melhora, sem que ninguém saiba o que vai ocorrer depois. Ao que me conste, há terapias breves muito exitosas, mas o seu seguimento mostra apenas que a enfermidade, a patologia, se apresenta de outra forma e essa terapia breve não tem leis, nem compreensão alguma do porquê e das bases deste fenômeno. A psicanálise pode perfeitamente entendê-lo. Até em relação aos transplantes de órgãos, surgiu este problema. Em Buenos Aires há quem pense, ao menos em alguns institutos que fazem transplantes cardíacos que, em certo tipo de pessoa com determinada história psicológica ou uma personalidade peculiar do ponto de vista psicanalítico a probabilidade do problema cardíaco que ela teve antes do transplante reaparecer após o transplante é muito grande, distintamente das que não têm esse tipo de características. Isto mostra que a comparação de terapias rápidas para situações de emergências coisa respeitável, repito frente ao que seria um acompanhamento e um planejamento geral do que ocorre, abrangendo muitos campos e táticas, é uma coisa bem diferente. É aqui, me parece, que a psicanálise mostra sua importância.

Para finalizar, quero dizer que assim como o método newtoniano que teve êxito com uma só teoria que explicou coisas muito diferentes o pêndulo, o movimento dos astros, a queda dos corpos, a inércia a psicanálise tem certa força unificadora com relação a muitos problemas. Por outro lado, me parece que as outras terapias não têm mais que, isoladamente, força descritiva, não constituindo o que poderíamos chamar de uma disciplina unificada para entender o funcionamento do ser humano e suas patologias.

Entrevistador: O Prof. Klimovsky comentou que a psicanálise é uma disciplina integradora, no sentido de que tem um corpo que é mais abrangente e que é mais explicativo, mas também um corpo que é multifacetado porque tem muitas escolas, muitas linhas de pensamento. Existem linhas de pensamento que são mais científicas? Existem escolas que são mais clínicas? Existem escolas que são mais válidas? Como se articulam estas questões?

Prof. Klimovsky: Isto levanta uma questão delicada. A existência de demasiadas teorias frente a um mesmo tipo de problemática, penso eu, em princípio, é um mau sinal. Como Khun mesmo apresenta em A Estrutura das Revoluções Científicas, quando não há suficiente consenso em relação ao que se está discutindo e de como funciona isso que estamos discutindo, se pode pensar que ainda não se captou o essencial. Observando o que ocorre com freqüência em psicanálise: não somente um excesso de teorias mas, também, a aparição com suma facilidade de teorias improvisadas em cada um dos artigos que surgem às vezes, sobre uma particular casuística, uma determinada maneira de pensar algo. Caracterizo esta situação dizendo que, em psicanálise, todo mundo realiza o sonho da teoria própria e particular. Isso realmente me parece que está indicando alguma dificuldade de foco, do funcionamento da psicanálise. Creio que é assim. Não obstante, é necessário reconhecer que nas próprias ciências duras (hard sciences) a situação é um pouco parecida: o pulular de teorias. Por exemplo, em Cosmologia, em Física Quântica, onde há, às vezes, diferenças ainda muito grandes entre os diferentes pesquisadores. Da mesma forma, as diferenças que existem em teorias biológicas acerca do funcionamento do organismo vivo e do papel das substâncias químicas

é também enorme. Creio que, às vezes, não as percebemos por culpada divulgação científica, mas quando se recorre aos artigos de especialidade, que são raros, se vê realmente que há muita controvérsia, e creio que está bem. A questão é que somos obrigados a incluir nesta discussão muitos modelos e conceitos. Ainda que a partir daí possa surgir, a longo prazo, algo mais ou menos contínuo e bem formado.

Creio que, além disso, o que eu ressaltai não é privativo da psicanálise. Faz parte, por exemplo, de toda a Psicologia. Quando pego qualquer livro de Psicologia Moderna que dê um panorama, o que vou ver, realmente, são umas vinte, vinte e cinco teorias. Ou, não ainda teorias, senão escolas muito distintas em sua concepção de mundo. Não quero nem falar de todas as teorias e pontos de vista diferentes que existem em Sociologia e em Antropologia. Dá a impressão, naturalmente, de que quanto mais complexo é o material ou o problema que se vai estudar, mais facilmente haverá muitos modelos diferentes tratando de captar, através de aspectos parciais, a totalidade. Por conseguinte, o pulular das teorias me assusta, mas não me desespera. A única coisa que eu tiraria como ensinamento dessa situação é que isso é viável somente sob a condição de que as pessoas estejam dispostas a um verdadeiro diálogo crítico sobre tudo o que estiverem fazendo e o que fazem os demais, sem pressuposições, ódios pessoais, escolas ou paradigmas intransponíveis. Ou seja, uma discussão saudável. Por exemplo, se eu penso isso e você pensa aquilo, vamos ver se essas idéias se articulam ou não e se no material clínico de que dispomos o que pode ser melhor explicado por uma ou por outra e por que vale a pena sustentar o que diz um ou o que diz o outro. Isso não é habitual, mas alguns o fazem, com certeza. Eu assisti a umas discussões muito interessantes. Me lembro de uma em que Kemberg sustentava... Não me lembro nesse momento, com quem, em um Congresso... Fiquei assombrado porque havia muito material clínico e havia muita comparação das forças de diferentes teorias para explicá-lo. Bem, assim é que deve ser. O que ocorre, eu diria, é que, às vezes, 40% ou 60% dos trabalhos psicanalíticos vão além de uma pretensão realmente explicativa do ponto de vista científico. A eles se atribui um caráter de reflexão filosófica ou de meditação sobre o que se está fazendo. Penso que isso está muito bem, mas não faz parte do método científico. Eu diria que é uma particularidade muito importante, mas colateral.

Então, creio que da pergunta que me foi feita eu tiraria a conclusão de que seria necessário haver um pouco mais de objetividade, de pluralismo e de diálogo crítico entre os psicanalistas, tratando de construir algo em conjunto, ao invés de deixar que a excursão pela ciência seja algo assim como um passeio por um delta.

Prof. Mezan: Não diria que há escolas ou tendências mais científicas ou menos científicas dentro da psicanálise; a minha opinião não é esta. O que me parece é que, se vamos estudar historicamente ou epistemologicamente como se constituíram estas diferentes tendências dentro da psicanálise, o que se observa é que cada uma delas tomou como ponto de partida um certo tipo de configuração clínica, e desenvolveu conceitos, hipóteses etc., adequados para dar conta desta configuração. De tal maneira que há uma espécie de afinidade, muitas vezes entre certos tipos de patologias e certas teorias ou escolas, que se basearam essencialmente neste tipo de patologia para construir seu esquema. Exemplos: as primeiras hipóteses de Freud e a histeria, as primeiras hipóteses propriamente kleinianas e a questão da depressão, Lacan e a paranóia e assim por diante, os vários autores e os chamados borderlines. Quer dizer, certos tipos de patologias se apresentam, são identificadas, suscitam certas questões: como funciona isto? A teoria até então vigente não dá conta satisfatoriamente deste tipo de funcionamento e começam a se acrescentar hipóteses etc. O resultado pode parecer um Frankstein, cabeça de um com o pé do outro etc. Então, muitas vezes, o que se verifica é que não são tantas escolas ou não são só as escolas que são divergentes, mas às vezes há certas situações clínicas, certos pacientes que quase solicitam que seu caso, sua história, sejam pensados com estas categorias e não com aquelas porque visivelmente se adaptam melhor à complexidade da situação. Isto não quer dizer que não haveria, a meu ver, uma divergência de grau de cientificidade. O que há são hipóteses mais bem elaboradas, mais consistentes ou menos, dependendo do talento de quem as estabeleceu e da competência dos que foram seguindo depois. Dentro do campo especificamente psicanalítico eu não faria esta distinção.

Entrevistador: A psicanálise pode ser encarada como ciência? Porque razões alguns pensadores, como Popper, Feyerabend, Mário Bunge, adotam uma postura às vezes tão severamente crítica em relação à psicanálise como ciência? Ela seria mais atacada, mais criticada do que outras ciências ou não? Por que existiria essa animosidade em relação a ela?

Prof. Klimovsky: Parece-me que, às vezes, a origem da animosidade em relação à psicanálise é algo confuso para os próprios culpados dessa atitude. Surpreendeu-me bastante, por exemplo, a situação de Mario Bunge comigo, que me fez lembrar de uma novela de Chesterton que se chama A Esfera e a Cruz. Trata-se da história de um ateu e um cristão que se odeiam, porque o ateu insultou Cristo. Então, se desafiam em duelo, mas não conseguem achar um lugar onde realizá-lo. A novela se desenvolve tratando desse duelo que não acontece. O que ocorre é que de tanto conviverem para tratar de fazer o duelo, se tornam muito amigos. Eu suponho que as opiniões divergentes em psicanálise entre Mario Bunge e eu fomentaram uma grande amizade entre nós. Assim, nos vemos com prazer e, em seguida, discordamos. Num número especial de uma revista norte-americana especializada em pesquisas de ponta em psicologia não me lembro o título e que dedica um número ao pensamento de Mario Bunge, são apresentadas suas idéias e depois são feitas críticas ao que ele diz. E a respeito da psicanálise, diz algo que me mostra o grande mal entendido que há por trás de Mario Bunge. Ele diz que, na atualidade, em que já é um fato científico que todo o psicológico e o mental são funções do cérebro, sustentar, como sustenta a psicanálise, que há algo da realidade mental diferente da matéria e da energia concreta, é colocar-se numa posição filosoficamente antiquada, supersticiosa e anticientífica. Este é um ponto pelo qual ele se situa. Curiosamente, não há na obra de Freud, que eu conheça, citação alguma, ou trabalhos desse tipo, que possam sustentar semelhante coisa. Freud foi muito cuidadoso e, do ponto de vista metodológico, diz coisas muito interessantes. Em Introdução ao Narcisismo também em outro artigo que não situo neste momento tem a famosa frase na qual ele diz: Eu, devido a meu temperamento, sou humanista e materialista. Mas isso, frente à discussão estática da psicanálise, é tão pouco pertinente quanto, numa discussão sobre uma herança, alegar que todos descendemos de Adão e Eva. Frase que, a meu ver, é muito engenhosa.

O que Freud faz quando constrói, tal como eu o vejo, suas teorias psicanalíticas é colocar-se de maneira neutra diante desse problema em relação a seus termos teóricos. Indubitavelmente, usa termos mentais e com conteúdo intencional. Deforma alguma, isso constitui um ponto de vista diferente do material. É muito claro, inclusive por sua teoria econômica, e seu trabalho como neurologista, que ele pensaria que o mental é o mental, mas que poderia ser, se tivéssemos suficiente conhecimento, reduzido ao material e às funções do cérebro. Freud de nenhuma maneira nega isso. Primeiramente, não podemos fazê-lo e, em segundo lugar, há coisas que podem ser reduzidas ao material, há coisas que realmente podem ser reduzidas aos termos da Física, mas não é necessário. Eu posso ser psicanalista e entender tudo o que se diz sobre os mecanismos psíquicos, sem dizer explicitamente que penso que isso se reduz a problemas neuronais. De outro modo, se eu sou dualista, isto seria manifestação da estrutura e dinâmica das coisas que são essencialmente psíquicas. Por isso Freud não o disse nestes termos, mas nós trazimos assim ele se considera ontologicamente monista, mas metodologicamente dualista. Isto quer dizer que ele constrói suas teorias sem tomar posição acerca de si. É necessário ser monista, ou não, a respeito das entidades das quais se fala. Se um neurologista pensa que o mental é redutível ao material e ao neuronal, ele quer dizer que todas as hipóteses de Freud

admitiriam uma solução neuronal. Isto está proposto no livro de Von Erdelyi, A Psicanálise e a Filosofia Cognitiva de Freud, Editorial Labor que não é o único dentro do campo da Neurociência onde é ressaltado que os neurocientistas, a partir de abordagens da Informática e da Neurologia, estão descobrindo que existem uma série de mecanismos e fenômenos nas grandes estruturas neuronais onde muitos dos mecanismos que Freud já havia proposto, como psicanalista, obtiveram reconhecimento geral.

Por conseguinte, me parece que a discussão de Mario Bunge é somente um erro e que é, além disso, um preconceito. Nem todo aquele que fala sobre assuntos psíquicos e pensa que há correlações e leis de caráter psíquico está indicando que isso ocorre num mundo diferente do mundo do material. Não, isso é um non sequitur. Isso é só uma coisa que diz Mario Bunge. Outra coisa que diz, e eu mencionei na conferência outro dia, na Sociedade Psicanalítica, é que não existem laboratórios em psicanálise que permitam o controle das variáveis. Aquele dia eu ressaltai, tomando as idéias de Nagel, que não é absolutamente necessário que uma ciência seja experimental para que possa ter controle de variáveis. Basta que haja observação e que haja muitos casos disponíveis, coisas que tanto a Sociologia, que é uma das afetadas por este tipo de problema, como a psicanálise, evidentemente, têm. A quantidade de casos que já existem, neste momento, no meio psicanalítico para discutir este tipo de problemas é grande.

Eu creio que, se Mario Bunge adequasse sua maneira de pensar, teria que reconhecer que ainda há grande quantidade de ciências que mantêm fortemente seu status e que não são experimentais, como a Astronomia, a Astrologia, a Meteorologia, em certo sentido etc. Digo em certo sentido porque já há alguma coisa parecida com experiências. Por isso, também aqui, creio que Mario Bunge caiu novamente num certo tipo de erro. Em outros tipos de autores se observam coisas muito diversas. Por exemplo, ninguém critica na psicanálise a grande vaguidade de seus conceitos e uma certa indefinição formal da linguagem empregada que não permite ver claramente que estrutura formal têm as deduções e, por conseguinte, estimar se a prática refuta ou não as teorias psicanalíticas. Isto, em grande parte, é certo, mas em grande parte também afeta quase todas as disciplinas que fazem uso da linguagem comum de maneira vaga para seu desenvolvimento. Não se salva disto nem a Sociologia, nem a Antropologia, nem grande parte da Economia, nem grande parte da Lingüística, nem da Semiótica, nem grande parte da Psicologia Social ou da Psicologia Geral. Se isso fosse certo, seria preciso considerarem se não científicos quase todas as ciências humanas. Creio que Mario Bunge de alguma maneira também é passível desse tipo de crítica, na medida em que ele fez livros contra a Economia, livros contra a Sociologia, livros contra a Psicologia em geral e artigos e livros contra a psicanálise. Na realidade, isto me faz pensar em alguma coisa agressiva. Como em Aldous Huxley, em relação à pintura moderna, e em como ele vai simplificando as coisas de maneira tal que, de repente, pintar será deixara tela em branco.

Todo esse tipo de discussão me parece que é uma espécie de exigência formalista a respeito da linguagem comum, que vai acabar, pelo menos, deixando vazio o campo das ciências humanas. Como isto é inimaginável e, além disso, é uma loucura, me parece que é necessário reconhecer como comentei também na conferência da Sociedade Psicanalítica o que disse Freud, e o disse muito bem: que na investigação científica é necessário trabalhar sempre com uma certa dose de vaguidade e que é justamente a prática e a observação que vão tendo o efeito de ajustar, cada vez melhor, essa vaguidade para que deixe de ser vaga. E isso me parece que já está muito bem constatado. Há mais pontos, mas creio que estes três ressaltam, eu diria, algumas explicações sobre de onde vem e por que lado vem a coisa. O que não posso fazer, apesar de sertentador, seria uma interpretação psicanalítica a respeito da origem disso. Não sou muito amigo de fazer essas interpretações, mas penso que o discurso psicanalítico, em algum sentido, era tão original e tocava muitas coisas que formam uma suposta concepção da dignidade humana, que muita gente pensou que tinha caráter agressivo e que devia, portanto, estar mal, já que se vive entre ter ou não ter, finalmente, uma concepção muito positiva da personalidade humana. Portanto, creio que, quanto à psicanálise, um pouco do que ocorreu é algo assim como o que aconteceu com os religiosos em relação aos ateus: um preconceito, digamos. é algo semelhante.

Prof. Mezan: Não vejo muito o que se possa acrescentar, numa entrevista rápida assim, ao que disse o Prof. Klimovsky. Penso que a discussão sobre o caráter científico ou não da psicanálise depende, evidentemente, do que se entenda por ciência. Se, para tanto, nos valem de critérios avançados, de tal forma rigoristas, nada mais é tido como ciência, ou quase nada. Assim, a ciência deixa de ser uma realidade concreta, existente que movimenta pessoas, recursos, produtos, livros, publicações, congressos etc., e passa a ser uma idéia reguladora do conhecimento humano, à maneira kantiana, ou alguma coisa assim. Se a psicanálise se manteve como uma disciplina viva e bastante rigorosa, há quase 100 anos já não se pode mais dizer, como Freud dizia, a nossa jovem ciência, pois ela já está com tataranetos nesta altura do campeonato eu tenho a impressão que isto indica que alguma veracidade, que alguma validade estão vinculadas às suas afirmações. Mais do que isto, penso que a estrutura interna da teoria psicanalítica é extremamente coerente nas suas várias modalidades, escolas etc. De tal maneira que aquilo que a teoria psicanalítica fornece são certos esquemas para correlacionar dados, fenômenos, aspectos aparentemente muito disparatados uns dos outros, e esta correlação mesma é fecunda. Então, se isto merece ou não o título de científico, a meu ver, é uma questão largamente estéril. Não vejo muito interesse nesta reflexão. O que eu vejo sim, é que, dentro dos próprios critérios internos da teoria psicanalítica, muitos trabalhos não chegam a este ponto e dão por evidentes coisas que não são nada evidentes. Aí, eu não sei se é um pecado contra a lógica, contra o leitor, ou contra a ciência; um dos três. Frequentemente, agente vê afirmações que não são pouco convincentes. Mas, a partir daí, seria adequado dizer que a psicanálise não tenha validade, porque não obedece a critérios que ela nunca pretendeu obedecer? A não ser na opinião de Freud, que tinha que vender seu peixe e, portanto, iria apresentá-la como o que, bruxaria? Ele tinha alternativa de dizer ou isto é ciência, ou isto é uma especulação vaga. Ele se ofendia muito quando diziam que ele era um grande escritor, um grande artista, um grande especulador. Ele dizia não. Havelock Ellis, por exemplo, lhe fez este elogio e ele ficou furioso e disse: se é só isto não interessa; eu quero ser considerado como alguém que investiga um setor da realidade, da melhor maneira possível. E quanto a isto, a meu ver, a psicanálise é suficientemente sólida para merecer que a gente a discuta hoje, num sábado à tarde, depois de um almoço.

Entrevistador: A psicanálise, porque parte da observação clínica, pode ser entendida como orna construção do próprio observador, ou seja, o analista. Assira sendo, até que ponto esta situação torna a psicanálise "menos científica" que as outras ciências?

Prof. Mezan: Olha, dizer que a psicanálise parte da observação clínica é uma afirmação que eu acho que deve ser temperada. é um pouco o "problema do ovo ou da galinha" e, às vezes, a gente é obrigado a ficar com uma solução que consiste mais ou menos em dizer que meia galinha põe meio ovo e desta metade do ovo nasce o resto da galinha. é uma coisa meio assim. Antes de mais nada, a observação clínica do quê? De uma série de fenômenos que ocorrem numa situação codificada muito pouco comparável a situações cotidianas. Não é habitual que alguém se deite e comece a falar e o outro escute etc. As condições de observação, digamos assim, da psicanálise são comparáveis, de certa forma, às condições de laboratório. O laboratório do psicanalista é seu consultório, como o laboratório do economista são as sociedades, as moedas e assim por diante. Seria ridículo imaginar alguém fazer experimentos com pipetas e instrumentos deste tipo com uma pessoa que vem se queixar de uma fobia. Não tem sentido. Tem que haver alguma conveniência entre os instrumentos dos quais se dispõe para poder observar e

aquilo que vai ser observado. Deste ponto de vista, os dados de observação, os dados clínicos, são já efeito de um certo recorte que é orientado por aquilo que o psicanalista pretende ou imagina que vá encontrar. E isto não tem saída. Nós temos a situação de alguém que é míope e, sem óculos, não vê nada e, com óculos, vê apenas aquilo que seus óculos permitem ver. É preferível ver alguma coisa a não ver coisa alguma. Então, este argumento, da maneira como é colocado, de uma maneira um pouco tosca, não tem validade, eu penso. Quanto à complexidade infinita deste instrumento psicanalítico que permite suscitar e observar fenômenos e se discutiu isso hoje de manhã, durante quatro horas e meia não é possível reduzir isto em três minutos. Mas, de maneira geral, penso que há uma série de constantes no funcionamento clínico das pessoas que fazem uma psicanálise que são, sim, relativa mente verificáveis e, eventualmente, reproduzíveis. Por exemplo, o que se chama de regressão. Uma pessoa nestas condições provavelmente passará por um processo chamado regressão, do qual se seguem certas conseqüências. Outros exemplos: transferência, aquilo que se costuma chamar insight e construção de interpretações. Todos estes aspectos do trabalho analítico são, no seu grau de generalidade muito grande, esperáveis. Se alguém deixar o outro falar, não atrapalhar demais, não atuar demais em cima do paciente, não projetarem cima dele, o tempo todo, as suas próprias ansiedades e deixar que as coisas aconteçam, provavelmente emergirá um material, um tipo de discurso muito particular e que ocorre inúmeras vezes em todos os consultórios do mundo, várias vezes por dia, e que permite eventualmente a comparação, a discussão e a inteligibilidade desses fenômenos. Eu não penso que isso seja um argumento contra o caráter consistente eu não diria científico, porque não vejo interesse nessa qualificação das afirmações que a psicanálise faz.

Prof. Klimovsky: Quero dizer duas coisas a respeito dessa pergunta. Primeiro, é certo que um observador, ao exagerar sua função em uma experiência, a distorce. Estou disposto a aceitar isso. Mas, sobre isso, há um mal entendido a mais. Parece-me que é o seguinte: o que se quer dizer, ao se levarem conta a psicanálise, é que o testemunho que o psicanalista oferece é o testemunho de uma só pessoa e, por conseguinte, não é intersubjetivo e lhe falta essa qualidade de controle intersubjetivo, que é o que torna científica a ciência. A resposta a isso é que é necessário entender um pouco o que a ciência considera como observação. É certo que é muito bom que uma observação possa ser controlada e registrada por várias pessoas ao mesmo tempo. Mas há uma situação intermediária, que não deixa de ser científica e que é aplicada, muitas vezes, na pesquisa das culturas e em que muitas pessoas tiveram experiências do mesmo tipo, nas mesmas situações e as descrevem. Não é necessário que eu esteja descrevendo em conjunto, aqui e agora, com todos ao mesmo tempo. Mas se todos registraram circunstâncias análogas, uma observação semelhante, se diria que se tem um controle intersubjetivo, não de cada fato isoladamente, mas da família que a comunidade científica está reconhecendo. Curiosamente, Popper discute isso para o caso da História, onde há um tipo de argumentação parecida. Um fato às vezes histórico está registrado por um observador anteriormente determinado e, depois, faltam os demais que o tenham registrado. A observação é quase única e é, por assim dizer, praticamente necessário tomar, neste momento, o que ele disse como se fosse a informação. Mas o que diz Popper é que é necessário distinguir, segundo sua maneira de usar as palavras, entre acontecimento e evento. O acontecimento é a coisa aqui e agora e o evento é uma classe de situações que os cientistas têm que estudar. É certo que, em psicanálise, o acontecimento é único e está sob a posse do psicanalista, mas o evento está sob a posse da "família" do psicanalista e é aí onde ele é registrado. Temos tantos discursos, tantas observações sobre a transferência, suas conseqüências e seu papel clínico, por exemplo, que é certo que grande parte disso são testemunhos que fulano adotou e que são dele. Mas, finalmente, há uma classe enorme de testemunhos ou relatos que dão o funcionamento como lei do fenômeno. Nesse sentido, me parece que a psicanálise é tão intersubjetiva como o são outras ciências, onde a intersubjetividade é possível para o testemunho isolado. Esse é um ponto que me parece importante ressaltar. Mas, há outro. Se o que se quer dizer porque, às vezes é essa a angústia que o psicanalista é perturbado pela intersubjetividade e não pode, em certo sentido, avaliar, não se pode esquecer que, com grande parte das medições científicas certamente ocorre o mesmo, ainda que possam se ofender por dizer se isto. Como se mede a temperatura, por exemplo, de um líquido em um recipiente, numa situação de experiência? É preciso submergir um termômetro no líquido. Se submergirmos o termômetro, muda a temperatura do que estava dentro do recipiente, porque o termômetro tinha outra temperatura e, imediatamente, pela lei de intercâmbio de temperatura, o cenário se modificou. Mas, o que ocorre? Por razões que não quero analisar agora, existe uma ciência, a Termodinâmica, que já alcançou suas leis. Seria interessante ver como as pôde alcançar se há este problema, digamos. Mas, supondo que já as alcançou, o que se aprende, primeiramente, é: em virtude das leis da Termodinâmica, como posso corrigir a medida do líquido com o termômetro? Sabendo as dimensões do termômetro e toda uma série de dados que tomei, que levei em conta. Então, se eu conheço as leis psicanalíticas e conheço certo tipo de ações e reações que podem ocorrer no transcurso do processo analítico, eu não tomarei a observação, simplesmente tal qual aparece, dizendo: fiz essa pergunta ao paciente e ele não respondeu, por exemplo. Usaria a teoria psicanalítica para corrigir a observação e dizer que, na realidade, o que se observou pode ser um rechaço do paciente à pergunta, o que não é o mesmo do que não tê-la respondido, por exemplo. Certo que parece que está muito seguro o tipo de teoria e elemento corretor que se use, mas o que quero dizer é que, concordando com o que você de alguma maneira ressaltava, um psicanalista que aprendeu bem psicanálise, tanto na prática como na teoria, não é um bobo que não vá levarem conta, simploriamente, que estão acontecendo todos esses fatores e que, de alguma maneira, é preciso corrigi-los. Substituiria a correção, da mesma forma como faria o físico com o termômetro, porque cada ciência tem seus instrumentos, suas leis e suas metodologias particulares. Mas, na realidade, o fato de que o observador perturbe não tem nenhum inconveniente, desde que haja suficientes elementos teóricos e perspicácia para efetuar a correção.

Para finalizar, diria concordando em parte com o que se dizia e em parte com o que Grünbaum diz a propósito disso que melhor que a clínica é a vida cotidiana como a contrastadora. E assim é. Até o próprio Freud assinala isso, muitas vezes, apoiando-se nas atividades do ser humano, ou na sua conduta na vida cotidiana. Lembro as primeiras coisas que diz em apoio ao narcisismo, como fenômeno que ele está descrevendo e que acontece com os doentes, quando diz que chega a ser divertido ver como se esquecem até de seus afetos e amores, pelo fato de pensarem que o que importa são eles. Não há como evitar. Por isso, na realidade, não descobre isso exatamente a partir da terapia. "Os doentes a quem escolhi são os doentes da vida cotidiana e da experiência comum". Eu creio que as experiências da conduta humana tomadas intersubjetivamente, como um fenômeno de recepção psico-sociológica da conduta, constituem um elemento mais intersubjetivo que tem caráter probatório, ou de controle, para as teorias psicanalíticas. Então, acho que é necessário tomar o problema do papel do sujeito investigador/observador em psicanálise, admitindo que tem mais complexidade e mais afinidade com a tradição científica do que parece.

Prof. Mezan: Uma observação que acho importante colocar brevemente aqui é a seguinte. Se o observador perturba o observado, isso pode ser corrigido etc. Agora, o que acontece quando aquilo que deve ser observado é essencialmente uma relação? E, em qualquer modalidade possível de psicanálise, o que se dispõe como elemento de trabalho é exatamente a forma como um indivíduo vai estruturar uma determinada relação, suposta transferencial, em condições nas quais o fator corretivo, introduzido pelo outro que é o analista, forçosamente busca se reduzir ao mínimo. Este é o papel do silêncio, este é o papel das intervenções não sugestivas, na medida do possível.

Quer dizer, o elemento de correção é um elemento que não incide apenas sobre a observação. O analista, em termos ideais, se colocaria como uma espécie de tela em branco, mas mesmo uma tela em branco ainda tem alguma dimensão, alguma medida,

dá contra um certo fundo. Assim, alguns elementos da personalidade do analista sempre vão interferir, nem que seja seu endereço, o nome, a maneira como ele se veste, que tipo de consultório tem etc. Dentro de uma expectativa geral, mais ampla, o que vai se observar é a modalidade de organização de uma relação, isto quer dizer transferência. Muito bem, uma relação pressupõe dois. Então quem perturba: o analista ou o paciente? Ou a pergunta está mal colocada e, na verdade, não é adequado se pensar nestes termos de perturbação de uma observação? Sim, pois aquilo que vai ser observado tem que ser primeiro produzido e só pode ser produzido pela interação, nas condições codificadas pela situação analítica. Um outro ponto que também pode contribuir.

Entrevistador: é possível introduzir pesquisa em psicanálise, sem descaracterizar o setting? Não lhes parece que a única pesquisa viável em psicanálise seria aquela que cada analista realiza com cada paciente, nas condições irreproduzíveis de cada análise?

Prof. Mezan: Este termo pesquisa também é um termo relativamente amplo e um pouco vago. Pesquisa, no sentido de busca deliberada de respostas a perguntas estruturadas, me parece um pouco incompatível com o trabalho terapêutico usual. Se estou interessado em conhecer a estrutura fina de uma fobia, eu não vou sair por aí caçando fóbicos e anunciando que trato estes fóbicos por seis meses e, depois, vou publicar uma coisa deste tipo. O que eu acho que, sim é possível, é que a pesquisa em psicanálise, o conhecimento em psicanálise...

Entrevistador: Por exemplo, um questionário. Que os pacientes respondessem a algum questionário ou algum instrumento que, depois, pudesse ser tratado estatisticamente.

Prof. Mezan: Eu não digo que não, mas não me apaixonaria uma pesquisa deste tipo. Porque eu acho que, como tive oportunidade de dizer, uma coisa a meu ver é o trabalho clínico, outra coisa é a reflexão sobre os resultados deste trabalho. Nas Universidades do Brasil, recentemente, têm se feito pesquisas de psicanálise dita aplicada. Nestas pesquisas, o modelo costuma ser um interesse por um assunto qualquer eu mesmo já tive oportunidade de orientar trabalhos deste tipo desde fantasias de mulheres grávidas se realizando ou não, após o parto, até uma pesquisa sobre as condições de pressão a que a economia narcísica é submetida, nas condições de clandestinidade política e passando por, pelo menos, mais de uma dezena de outros temas. A idéia consiste em tomar um certo setor da realidade social, psicológica, literária ou artística, e utilizar o instrumental psicanalítico para perceber certas correlações, certas constantes deste fenômeno, esclarecer um ângulo dele. E eu vejo validade nisso se, além de esclarecer alguma coisa sobre o assunto pesquisado, também por um efeito de rebote, o próprio método se torna mais fino, permitindo surgir um conceito um pouco mais elaborado. No caso da pesquisa sobre narcisismo, por exemplo, se ela torna possível entender um pouco melhor que é narcisismo a partir deste caso, do que apenas a partir dos casos tradicionais. Então, neste sentido, eu acho que o conhecimento avança e isto que foi postulado sobre o narcisismo pode, por sua vez, ser elaborado numa situação clínica. Há um movimento de vai e vem. Spinoza dizia em algum lugar que, quando você faz exercício físico, levando se em conta a tarefa intelectual que pode acompanhar o exercício, você resolve problemas e a sua inteligência também se fortalece resolvendo estes problemas. É um efeito de troca. O observador também se torna mais observador, ou mais capaz de observações, à medida que progride e que evolui. Então, isto mostra caminhos possíveis para fazer avançar o conhecimento em psicanálise. Mas eu pessoalmente sou muito cético sobre a utilidade de importar métodos de questionamento, ou de formulação de problemas, que tenham pouca conveniência com o tipo de assunto que se deseja investigar. Não tenho nada contra a pesquisa de tipo epidemiológico ou estatístico etc. mas, enquanto eu não tiver conhecimento de alguma "seita" que realmente me ensine alguma coisa sobre psicanálise, preferiria separar esse tipo de pesquisa da esfera do trabalho clínico. Não consideraria isto como pesquisa. Eu acho que isso coloca problemas éticos, inclusive: alguém está lhe pagando para se tratar e você, com o olho na sua carreira científica ou acadêmica, está mais interessado na organização, para permanecer no exemplo da fobia, ou da perversão, ou deste sintoma fetichista e o paciente vai se esfumando atrás disto. Eu acho isto muito complicado e pouco recomendável. Agora, uma vez reunido este material e com a palavra do Prof. Klimovsky se este material é passível de um tratamento estatístico ou de qualquer natureza, por que não? Não vejo nenhum inconveniente nisso, mas eu acho que o conhecimento tem que avançar respeitando a estrutura ontológica daquilo que vai ser conhecido. Se não, é violência não é pesquisa.

Prof Klimovsky: Estou totalmente de acordo com o que foi dito. Eu enfatizaria apenas que, em um dado momento, se efetuo um tratamento e para isso veio o paciente e se, posteriormente, tenho protocolizado o que ocorreu e, além disso, tenho o controle e a análise do controle dos fatos como os técnicos dispõem de muita informação sobre o êxito de suas técnicas, em Engenharia, por exemplo disponho de material para investigação e é nesse sentido, realmente, que a prática psicanalítica tem muito a dizer sobre a técnica, sobre o teórico e a investigação.

Com o que concordo é que não há por que induzir, às vezes sub repticiamente, o método intencional de investigação ou de controle de variáveis no que está acontecendo, porque isso não é adequado. Além disso, creio que certas condutas durante o tratamento fazem com que a atenção flutuante não ocorra ou fique um pouco distorcida.

Contudo, uma vez que isso fica claro, creio que, através do material, ter se á muitíssima capacidade de análise e controle no caso de surgirem pesquisas. Creio, além disso, que no caso da psicanálise, há possíveis experiências de controle provocadas, não em situações de tratamento, mas em grupos. Há experiências que não foram feitas por psicanalistas, mas por epistemólogos, algumas das quais surpreendentes, como, por exemplo, rastrear atitudes, de uma maneira dissimulada ou projetava em aulas ou experiências especiais. Há muitas maneiras, na verdade, de fazê-lo.

Quanto à estatística, eu também compartilho pouco com o entusiasmo, devido a minha apreciação das teorias psicanalíticas mais como algo que visa buscar explicações ou visões de um caráter mais estrutural, do que de mera correlação. Mas também vejo que isso é possível. Na realidade, o que Kächele faz na escola de Ulm é uma metodologia, indubitavelmente. Ele fez uma espécie de tentativa de construir um modelo primário de classificar os tipos de respostas que se dão às interpretações em tipos A, B, C e D. Uma vez feito isso, fez uma análise estatística, através dos casos clínicos já registrados, de como foi a resposta a certas interpretações. Isso é uma variável: a interpretação. E a outra seria a patologia que estava ocorrendo. Um estudo, às vezes bivariável, e às vezes multivariável, de correlações entre estilo da interpretação, respostas do paciente e patologia do paciente. Isto é trabalhoso, mas eu diria que é muitíssimo mais trabalhoso a análise multivariável dos dados da meteorologia, por exemplo. Pode se dizer que isto é uma simplificação, pois, na verdade, as respostas dos pacientes têm mais variações e riqueza do que as que aparecem, quando se faz este tipo de divisão. Isso é certo, mas creio que daí advém outro mal entendido. Em toda a ciência, o individual tem uma riqueza própria, inesgotável, que não tem ainda que semelhante um prato, por exemplo, com outro prato. Mas o método científico consiste, precisamente, em tomar algumas das variáveis mais importantes que podem estar nebulosas e trabalhar nelas como modelos intrincados. A partir daí, posso realmente aproximar me ou não de algo parecido com uma lei que será uma teoria, por um momento, um modelo que poderá ser corrigido. Há, efetivamente, muitos procedimentos para poder utilizar algumas táticas tradicionais. é certo que, em psicanálise, existem outras coisas, como táticas

ou os procedimentos de caráter semiótico, que têm a ver com o significado. Mas isso, justamente, não basta para que a psicanálise não seja científica, senão que expressa que ela tem uma riqueza maior de problemas do que têm outras ciências.

* Entrevista concedida, em 25 de junho de 1994, aos Drs. Antonio Carlos J. Pires, Sérgio Lewkowicz e José C. Calich da Comissão Editorial do Boletim Interno da SPPA e ao Dr. Paulo H. Favalli da Comissão de Redação da Revista de Psicanálise da SPPA.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)